

Sejamos pornográficos ou um instante de infinito: a poesia erótica de Drummond

Prof. Dr. Ivan Marques¹

Resumo:

O livro O amor natural foi publicado em 1992, cinco anos após a morte de Carlos Drummond de Andrade. O poeta não chegou a editar seus próprios versos fesceninos, como se tivesse cedido à visão de que tais poemas seriam “marginais”, contrariando os vãos da dita “alta poesia” e, neste caso particular, da altíssima poesia que o autor vinha publicando ao longo de décadas. Mas o amor é “palavra essencial”. O erotismo do livro O amor natural guarda conexões com os primeiros poemas de Drummond, nos quais Mário de Andrade identificou, por trás do gauchismo, um “sequestro sexual” (segundo ele, não sublimado em poesia). Já nessa fase inicial, a poesia erótica se combina com o poema-piada e o estilo mesclado e coloquial do modernismo, para configurar uma celebração da “vida besta” e terrena. “Sejamos pornográficos”, convoca o poeta num verso famoso de Brejo das almas. Em todas as suas fases, a melhor poesia drummondiana se faz com o corpo.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, poesia erótica, *O amor natural*

O erotismo nos deixa *gauches*? Essa pergunta enunciada – mas não respondida – por Affonso Romano de Sant’Anna, no prefácio ao livro *O amor natural*, de Carlos Drummond de Andrade, também poderia ser recolocada na ordem inversa: o *gauchismo* nos deixa eróticos? “Sejamos pornográficos”, exorta o poeta num famoso poema de *Brejo das almas*. O erotismo pode ser visto como um movimento de evasão, exprimindo o deslocamento da *persona* lírica drummondiana, seu eterno sentimento de inadaptação (a procura das ilhas que o afastam tanto do convívio social quanto das limitações materiais e humanas). Ao mesmo tempo, também aparece como revelação da “vida besta”, do “mundo torto” e dos obstáculos que se interpõem na caminhada do poeta. Mesmo quando não se restringe ao desejo insatisfeito, expandindo-se na plenitude do gozo físico, a experiência amorosa parece resultar sempre na consciência da falta – “a falta que ama”, como diz o título de um dos seus livros. E à nossa “falta mesma de amor” é que devemos amar, cifrando-se nessa “sede infinita” o destino universal de toda criatura, conforme ensina o poema “Amar”, de *Claro enigma*.

Essas primeiras indicações bastam para comprovar o quanto a erótica drummondiana, apesar do relativo descaso que tem merecido da crítica, é inseparável do conjunto de sua produção, não sendo episódica (ao contrário: é abundante desde o começo e sobretudo na fase final do poeta) e muito menos alheia aos problemas centrais de sua obra. Mais do que um tema, o erotismo encarna de modo intenso os movimentos dramáticos dessa poesia. Daí a sua extraordinária recorrência e o seu caráter representativo. Não se trata de uma deformidade ou de algo estranho e incontrolado – um “sequestro”, como denominou Mário de Andrade, em seu comentário ao livro de estréia, *Alguns poemas*.

Dois sequestros têm no livro: o sexual e o que chamarei “da vida besta”. Ao sequestro da vida besta, Carlos Drummond de Andrade conseguiu sublimar melhor. Ao sexual, não; não o transformou liricamente, (...) virou grosseiro, um ostensivo debochado. O livro está cheio de notações sensuais, ora sutis como a da pele picada por mosquitos, ou do dente de ouro da bailarina, ora maleducados como o das tetas. Mas onde o sequestro explode com abundância provante é no livro estar cheio de coxas e especialmente de pernas. (ANDRADE, 1974, p. 35).

É curioso que essa observação tão austera e respeitável – para não dizer carola – tenha partido de alguém que, no jovem poeta mineiro, criticava justamente o excesso de juízo e de boa educação. Segundo Mário, as tendências sexuais exerciam em Drummond um papel análogo ao do humor –

contrariando sua sensibilidade, ajudando-o a vencer-se interiormente –, mas não lhe permitiam ir além da grosseria. Em *Alguma poesia*, o sexo aparece, com efeito, em representações quase sempre grotescas (o corpo em fragmentos de “Cabaré mineiro”, o desejo convertido em delírio no célebre poema “Iniciação amorosa”, o erotismo combinado com a morte na “Cantiga de viúvo”), sem dúvida inspiradas pela moderna estética do *feio* (cf. SANTOS, 2006, p. 33). No livro seguinte, *Brejo das almas* – inteiramente voltado para o tema da frustração amorosa –, o poeta iria ainda mais longe em sua disposição de “ser grosseiro”. Nessa poesia inicial de Drummond, o desejo traz as marcas do pecado e da transgressão – não apenas por ter sido despertado no pequeno mundo provinciano e patriarcal, mas também devido à visão do corpo como brejo (dissolução) da alma e à constatação, que surge desde o começo, da essência humana e terrestre do amor. É o que vemos no poema “Um homem e seu carnaval”:

Deus me abandonou
no meio da orgia
entre uma baiana e uma egípcia.
Estou perdido.
Sem olhos, sem boca
sem dimensões.
As fitas, as cores, os barulhos
passam por mim de raspão.

Pobre poesia.
O pandeiro bate
é dentro do peito
mas ninguém percebe.
Estou lívido, gago.
Eternas namoradas
riem para mim
demonstrando os corpos,
os dentes.
Impossível perdoá-las,
sequer esquecê-las.

Deus me abandonou
no meio do rio.
Estou me afogando
peixes sulfúreos
ondas de éter
curvas curvas curvas
bandeiras de préstitos
pneus silenciosos
grandes abraços largos espaços
eternamente.

Nesse poema, que combina linguagem moderna e inspiração antiga – representando o tema simbolista, decadente, do carnaval como experiência individual e solitária –, o erotismo atrapalhado exprime a própria natureza do *gauchismo*, ambos vivenciados como queda (resultado da maldição de um anjo torto, como diz o “Poema de sete faces”). A orgia seria uma espécie de destino humano inevitável – daí a diluição do indivíduo nos plurais que se sucedem ao final do poema. Pela profusão das imagens, pelo ritmo dos versos, pela sonoridade dos vocábulos, essa última estrofe reproduz materialmente um orgasmo. Tudo se passa num único instante, que no entanto figura a eternidade. Por outro lado, as “eternas namoradas”, com seu aspecto fantasmagórico, comparecem aí para lembrar – eis o detalhe fundamental – que o desejo, porque irrealizável, é que é eterno e indissolúvel. Depois do retrato cômico dos desencontros amorosos de “Quadrilha”, este é mais um poema em que

a dança coletiva representa a errância do desejo e seus infinitos desdobramentos na existência humana. Se o carnaval do poema parece frustrado é porque o *gauche* não consegue dissociá-lo de sua condição trágica de “ser amoroso”, que se define pela carência, e da consciência de que a carne é triste, sobretudo após o êxtase, como veremos na poesia de *O amor natural*.

O sentimento da frustração amorosa não ficará restrito à poesia do jovem Drummond. Ao longo de décadas, o tema do amor irrealizado terá inúmeras ocorrências em sua obra: “Os desiludidos do amor / estão desfechando tiros no peito” (“Necrológio dos desiludidos do amor”, *Brejo das almas*); “Amar o perdido / deixa confundido / este coração” (“Memória”, *Claro enigma*); “Deus me deu um amor no tempo de madureza, / quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme” (“Campo de flores”, *Claro enigma*); “Não cantarei amores que não tenho, / e, quando tive, nunca celebrei” (“Nudez”, *A vida passada a limpo*); “Mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de núncaras” (“Amar-amaro”, *Lição de coisas*). É fácil notar a ausência dos poemas amorosos na poesia social de Drummond – dos anos 1940 –, o que parece indicar uma compreensão do amor como tema de natureza essencialmente individual (cf. SANTOS, 2006, p. 107). Entretanto, como interpretar o fato de que, ao organizar sua famosa antologia do começo da década de 1960, o poeta tenha reunido sob o título “Amar-amaro” os poemas que tinham como tema não o amor, mas o “choque social”? Parece clara a intenção de misturar os dois temas, pois em ambos se revela a mesma “teia de problemas que existir / na pele do existente vai gravando” (“Mineração do outro”, *Lição de coisas*). Noutras palavras, a recorrência do tema amoroso em Drummond não significa prisão no individualismo, mas, ao contrário, um esforço desesperado – embora malsucedido – de escapar de si mesmo. A “mineração do outro” que ocorre na poesia erótica não está excluída daquilo que o poeta entende como “sentimento do mundo” e também metaforiza sua penetração no corpo social, o desejo de ser poeta público. Amor, choque, luta: a busca do outro afinal se confunde com a procura dramática da própria poesia.

Curiosamente, a resposta afirmativa à exortação da juventude – “Sejamos pornográficos” – se deu apenas na última fase de sua produção poética, em seu tempo de desejos maduros, serenados. E tal como no poema “Campo de flores”, aqui se produz um evidente paradoxo. Após o memorialismo doce e brincalhão de *Boitempo*, ao qual se tem associado a poesia do livro *O amor natural*, novamente defrontamos com um pequeno museu de sentimentos: desejos ardentes, gozos luminosos, celebrações do encontro amoroso, delírios e frustrações do corpo, tudo recolhido na tranquilidade – conforme a famosa expressão de Wordsworth – e ludicamente disposto no corpo dos poemas. Publicado cinco anos após a morte do poeta, o livro reúne poemas escritos ao longo do tempo e guardados a sete chaves, a exemplo dos segredos sagrados da cama. Sobre eles disse, em entrevista, o poeta:

São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil – não sei se no mundo –, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavirão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. (cf. BARBOSA, 1987, p. 8).

Estaria Drummond se referindo à moda da poesia espontânea e antiliterária, praticada pela geração marginal dos anos 1970, que retomou em muitos aspectos o modernismo de 1922? O fato é que, com medo de ser chamado de “velho bandalho”, o poeta cercou os seus poemas eróticos de tantos cuidados (além da produção, também a divulgação foi clandestina, no recato das revistas masculinas) que parecia de fato se envergonhar deles. E teve medo afinal de parecer pornográfico, como se lhe pesasse ainda, depois de tanto tempo, a acusação feita por Mário de Andrade. Daí a decisão de mitigar as possíveis grosserias com citações eruditas, formas nobres, vocabulário elevado, que se juntam aos neologismos e jogos de linguagem, com os quais se delicia, produzindo delírios verbais – “e a volúpia do vocábulo emoldura a sagrada volúpia”, como diz um dos poemas. A

expressão “a língua lambe”, do poema de mesmo título, sintetiza as duas espécies de luxúrias, que voltam a se encontrar em “Bundamel bundalis bundacor bundamor” e em tantas outras passagens do livro. Ao explicar o título “O amor natural”, Drummond também demonstrava apreço por valores como pureza e espontaneidade, como se *natural* fosse sinônimo de *animal*, instintivo, isento de problemas. Mas o erotismo, como sabemos, não se confunde com a simples prática sexual, envolvendo todas as complicações psicológicas do gênero humano. E a *natureza* do amor, como tudo neste poeta, é essencialmente contraditória.

O poema de abertura do livro – “Amor pois que é palavra essencial” – faz o elogio do amor na chave platônica, mas rebaixando-a, ou melhor, enfatizando o caráter físico e corporal do amor que promove a restauração da natureza dividida pelos deuses – o corpo que “é um, perfeito em dois; são dois em um”. O orgasmo aí aparece como um “instante de infinito” e em vários poemas figura uma espécie de transcendência diante das prisões do mundo, de superação da “vida menor”. Esse grão de infinito, entretanto, só pode ser usufruído junto com a consciência da própria finitude. Eis uma das principais contradições do “amar-amaro” drummondiano. De um lado, o amor é *terrestre* (embora possa acrescentar aos deuses). Do outro, é amor *divino* – fragmento de eternidade que revela o vazio humano. É como se, em contraste com o tom de celebração, o maior segredo da cama fosse a morte, a dissolução do corpo, e não o tempo transformado em eternidade – como vemos no poema “A carne é triste depois da felação”:

A carne é triste depois da felação.
Depois do sessenta-e-nove a carne é triste.
É areia, o prazer? Não há mais nada
após esse tremor? Só esperar
outra convulsão, outro prazer
tão fundo na aparência mas tão raso
na eletricidade do minuto?
Já me dilui o orgasmo na lembrança
E gosma
Escorre lentamente de tua vida.

Objeto de desejo que se furta freqüentemente ao poeta – a exemplo das palavras com as quais luta “corpo a corpo”, sem jamais possuí-las, ou da “máquina do mundo” que lhe oferece seus dons somente depois que “a fé se abrandara, e mesmo o anseio” –, o sexo feminino é uma flor reticente, opondo à realização do desejo infindáveis obstáculos. Mas essa flora cobiçada também se apresenta como “rosa preta”, mistura de céu e inferno, enquanto a boca que engole o membro masculino é “céu infindo e sepultura”, definindo-se o coito ao fim de contas como um “matar-morrer”, uma “sepultura na grama”. Nos últimos anos de sua vida, Drummond deu enorme importância ao erotismo, como se vê pelas entrevistas e também pelos livros publicados na época – *A paixão medida* (1980), *Corpo* (1984), *Amar se aprende amando* (1985), *Amor, sinal estranho* (1985). No poema “Para o sexo a expirar”, que fecha a coletânea *O amor natural*, o poeta define o orgasmo como “explicação do mundo”, a plenitude do ser.

Pobre carne senil, vibrando insatisfeita,
a minha se rebela ante a morte anunciada.
Quero sempre invadir essa vereda estreita
onde o gozo maior me propicia a amada.

A carne, mesmo senil e melancólica, vibra ainda insatisfeita, como nos tempos da febril iniciação amorosa (agora sem a sombra de pecado). Mas a rebelião contra a morte – o gozo pelo qual anseia –, ao mesmo tempo que se oferece, se recusa, inacessível como um “abre-que-fecha-que-foge”. E o gozo revela-se afinal um suicídio – uma “morte de tão vida” –, transformando essa poesia erótica num autêntico *necrológio*, tal como fizeram as desilusões da década de 1930. “É sempre no meu sempre a mesma ausência”, diz o poeta em “O enterrado vivo”, do livro *Fazendeiro do ar*. Longe de promover a união de opostos (que é um dos milagres do amor), a poesia drummondiana

insiste na irresolução das tensões e no nada que é sua principal matéria. O poeta se entrega ao amor, mas sem sair de sua concha, sem desembaraçar-se de sua teia de problemas. Sim – o erotismo nos deixa bastante *gauches* na vida.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- [2] ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- [3] ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- [4] ANDRADE, Mário de. “A poesia em 1930”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- [5] ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- [6] BARBOSA, Rita de Cássia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987.
- [7] CANDIDO, Antonio. “Inquietudes na poesia de Drummond”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- [8] CANDIDO, Antonio. “Poesia e ficção na autobiografia”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- [9] LAFETÁ, João Luiz. “Leitura de ‘Campo de flores’”. In: *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- [10] LIMA, Mirella Vieira. *Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo/Campinas: Edusp/Pontes, 1995.
- [11] SANT’ANNA, Affonso Romano de. “O erotismo nos deixa *gauche*?”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Op. cit.
- [12] SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- [13] SANTOS, Vivaldo Andrade dos. *O trem do corpo: estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nankin, 2006.

¹ **Prof. Dr. Ivan Marques**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
ivmarques@uol.com.br